

PAULO, HERMENÊUTICA E ECOLOGIA: Rm 8,18-23; CL 1,15-20 E Rm 1,18-32

*Flávio Martinez de Oliveira**

Resumo

A pesquisa nas relações entre Bíblia e ecologia surge e vem se avolumando à medida que o tema ambiental cresce em interesse e alarme. A abordagem da ecologia na Bíblia e da Bíblia na ecologia enfrenta resistências de ambos os lados e pede uma hermenêutica adequada que respeite os dados das duas áreas. É possível ler a Bíblia com “lentes hermenêuticas” a partir de chaves heurísticas tanto bíblicas quanto ecológicas, elaborando construtos, por interesse e refocalização dos dados, como fazem outras teologias – a teologia da libertação e a teologia feminista – e assim aproximar biblistas e ecologistas. Propõe-se uma hermenêutica teológica narrativa de Paulo. Focalizam-se particularmente os textos de Rm 8,18-23 e Cl 1,15-20, que estão entre os textos mais visitados na pesquisa bíblico-ecológica. Confrontam-se estes textos com Rm 1,18-32; 5–7 na abordagem pós-colonial da Bíblia, a qual converge com a opção pelos pobres e sua libertação. São eles os mais atingidos pela crise ecológica. Paulo infunde esperança. As propostas que emergem desta hermenêutica narrativa relacionam-se às concepções de reconciliação cósmica e pacificação da totalidade da criação, superando o antropocentrismo negativo e estrito.

Palavras-chave: Paulo. Hermenêutica, Narrativa, Ecologia. Criação. Cosmos. Reconciliação. Pacificação.

Abstract

The research on the relationship between the Bible and ecology emerges and enlarges as the environmental theme grows in interest and alarm. The approach of ecology in the Bible and the Bible in ecology faces resistance

* Teólogo, doutor em Teologia Bíblica na Pontifícia Universidade Gregoriana. Médico, mestre em Saúde e Comportamento na Universidade Católica de Pelotas. Professor do Instituto de Teologia Paulo VI, Arquidiocese de Pelotas. Professor de Teologia e Saúde no Curso de Medicina e Diretor do Instituto Superior de Cultura Religiosa, UCPel.

from both sides and calls for a proper hermeneutics that respects the data from the two areas. It's possible to read the Bible with "hermeneutical lens" from heuristic keys as much biblical as ecological, elaborating constructs, for interest and refocusing of the data, as do other theologies – liberation theology and feminist theology – and thus approximate biblical scholars and ecologists. It proposes a theological narrative hermeneutic of Paul. It focuses particularly Rm 8:18-23 and Cl 1:15-20, which are among the most popular texts in the Bible-ecological research. These texts faced with Rm 1:18-32; 5-7 on post-colonial approach of the Bible, which converges with the option for the poor and their liberation. They are the most affected by the ecological crisis. Paul instills hope. The proposals that emerge from this narrative hermeneutics relate to conceptions of cosmic reconciliation and whole creation pacification, overcoming the negative and strict anthropocentrism.

Keywords: Paul. Hermeneutics. Narrative. Ecology. Creation. Cosmos. Reconciliation. Pacification.

Introdução

Nos anos recentes, os temas ambientais estão no centro do debate político e ético. Motivaram as grandes conferências internacionais, das quais a última – igualmente frustrante – foi a Rio + 20.

Segundo os dados atuais da ciência, há três macroproblemas que cobrem a Terra: a) a mudança climática; b) a perda da camada de ozônio; c) a diminuição dos índices de biodiversidade. Além destes três grandes problemas há outros de caráter mais regional e local, relacionados com a poluição¹.

Em resumo, a questão ambiental arrasta-se desde a Eco 92, a COP 15 em Copenhague e prolonga-se em decisões nada significativas, ou melhor, persistem meras recomendações com a Rio + 20, não obstante e enorme mobilização social internacional². A pauta ambiental está presente no último Fórum Social Mundial neste ano em Túnis³. Pela primeira vez o Fórum Econômico Mundial deteve-se nas

1. AGUIRRE, Alirio Cáceres. Entre ecologia e ecosofia: passos para uma hermenêutica ecoteológica. In SUSIN, Luiz Carlos; DOS SANTOS, Joe Marçal G. *Nosso plano planeta nossa vida: ecologia e teologia*. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 44-46.

2. Dados disponíveis em < <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/510735-rio20-a-grande-derrota-e-a-onu-estar-impotente-para-enfrentar-problemas-entrevista-especial-com-liszt-vieira>>, acessado em 25 de junho de 2012.

3. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/518890-declaracao-da-assembleia-dos-movimentos-sociais-do-forum-social-mundial-2013>, acesso em 2 de abril de 2013, com a manifestação "Pela justiça climática e a soberania alimentar, porque sabemos que o aquecimento global é resultado do sistema capitalista de produção, distribuição e consumo. As multinacionais, as instituições financeiras internacionais e os governos ao seu serviço não querem reduzir as suas emissões de gases de efeito estufa. Denunciamos a "economia verde" e recusamos todas as falsas soluções à crise climática como os agrocombustíveis, os transgênicos, a geoengenharia e os mecanismos de mercado de carbono, como REDD, que iludem as populações empobrecidas com o progresso, enquanto lhes privatizam e mercantilizam os bosques e territórios onde viveram milhares de anos".

questões ambientais entre os riscos globais, o que comprova a gravidade da atual situação. Mesmo assim o COP 18 no Qatar adiou o enfrentamento do problema climático⁴, embora seja verdade que, apesar de falta de acordo global, alguns países avançam em leis sobre clima. Os dados se multiplicam no consenso que é mais do que urgente uma mudança. O noticiário em ecologia é constante e crescentemente alarmante e não cabe aqui dissertá-lo⁵.

Desenvolve-se neste texto uma proposta de hermenêutica teológica de Paulo, relacionada à análise exegética, com uma abordagem narrativa e temática em Rm 8,19-23 e Cl 1,15-20, em confronto com Rm 1,18-32; 5-7, segundo dados da abordagem pós-colonial e interdisciplinar recentes. O espaço não permite deter-se na exegese dos textos de forma particular.

1. Reações na exegese bíblica e Teologia

Atento à situação ambiental, o debate a respeito da ecologia na Bíblia cresceu em vários centros e projetos acadêmicos colaborativos⁶. Entre os textos favoritos encontram-se Rm 8,18-25 e Cl 1,15-20. Uma primeira questão que se levanta é qual hermenêutica permite o estudo da ecologia na Bíblia. Questiona-se uma hermenêutica ecológica antropocêntrica, em detrimento do restante da criação⁷. Na aproximação hermenêutica, pode haver identificação ou empatia em que os seres humanos são expressões vivas do ecossistema que emergiram neste planeta⁸. Watson delinea dois outros modos de interpretação bíblica: recuperação

4. Dados disponíveis em <http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=21385&boletim_id=1461&componente_id=24765>, acessado em 17 de março de 2013.

5. Dados fartamente disponíveis na página do Instituto Humanitas Unisinos, p. ex., <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/516723--desastres-climaticos-deram-prejuizo-de-us-160-bi-em-2012-diz-estudo>>, acessado em 4 de janeiro de 2013.; <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/516986-apesar-de-falta-de-acordo-global-paises-avancam-em-leis-sobre-clima-diz-estudo>>, acessado em 16 de janeiro de 2013; <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/517430-brasil-ameacado-pelas-mudancas-climaticas>>, acessado em 5 de março de 2013, <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/516990-qracionamento-de-agua-e-realq>>, acessado em 16 de janeiro de 2013.

6. Cf. p. ex., a Universidade de Exeter, UK, em HORREL, David; HUNT, Cheryl; SOUTHGATE, Christopher. *Greening Paul: rereading the Apostle in a Time of Ecological Crisis*. Waco: Baylor University Press, 2010; a Society of Biblical Literature na série publicada desde 2004, em HABEL, Norman C.; TRUDINGER, Peter. (Eds.). *Exploring Ecological Hermeneutics*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2008. (Symposium Series, 46).

7. WHITE Jr., Lynn. The Historical Roots of our Ecological Crisis. *Science*, v. 155, p. 1203-1207, 1967, num clássico artigo, apontou que o cristianismo na sua forma ocidental é a religião mais antropocêntrica que o mundo já viu, ao estabelecer um dualismo entre o ser humano e a natureza, mas também ao insistir que na vontade de Deus que o ser humano explore a natureza para seus próprios fins. A partir de White, biblistas e teólogos viram-se na necessidade de engajar-se com textos bíblicos problemáticos (p. ex., Gn 1,26.28) e com o impacto da escatologia bíblica (p. ex., o “dia do Senhor” em Jl 1,15; Am 5,18-20; 1Ts 5,2 e, principalmente, 2Pd 3,10-13, onde parece que dificilmente preservar a terra é prioridade).

8. HABEL, Norman; TRUDINGER, Peter. *Exploring Ecological Hermeneutics*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2008. (Symposium Series, 46).

e resistência⁹, ao que Conradie soma um terceiro, introduzido pela leitura feminista: restauração¹⁰, em que a Terra torna-se um parceiro com Deus no processo de criação, com o conceito de Terra-mãe. McDonagh vai adiante, como muitos outros, ao apontar a textos paulinos específicos. Ele vê como textos-chave Rm 8,18-25; Cl 1,15-20 e Ef 1,10, que juntos proclamam o âmbito cósmico da obra salvífica de Deus em Cristo¹¹.

Segundo Watson, a resistência de tipo A resiste à Bíblia nos interesses da ecologia. Alguns exemplos desta espécie podem ser encontrados nos cinco volumes da série *Earth Bible*. Fundamental aos estudos produzidos pela equipe de *Earth Bible* é a série de seis princípios de ecojustiça: 1) *O princípio da importância intrínseca do universo*; 2) *O princípio da interconectividade* na comunidade de coisas viventes da Terra, dependentes uma da outra para a vida e a sobrevivência; 3) *O princípio da voz*: a Terra levanta a voz seja em celebração seja contra a injustiça; 4) *O princípio do propósito*: o universo, a Terra e todos os seus componentes são parte de um desígnio (*design*) cósmico; 5) *O princípio da custódia recíproca*: a Terra é um domínio onde custódios podem funcionar como parceiros para sustentar uma comunidade balanceada e diversificada; 6) *O princípio da resistência*: a Terra e seus componentes não somente sofrem injustiças nas mãos dos humanos, mas ativamente resistem-nos na luta por justiça¹².

À luz destes princípios analisam-se os textos, se são consistentes ou estão em conflito. Facilita-se assim o diálogo com biólogos, ecologistas, outras tradições religiosas e cientistas.

A resistência de tipo B resiste aos ecologistas em nome da Bíblia. Trata-se principalmente de interpretações fundamentalistas da Bíblia, onde se unem os valores liberais e as abordagens mal-informados pelos métodos histórico-críticos.

2. Proposta de hermenêutica

Resulta óbvio que não se pode acomodar a Bíblia à ecologia (resistência de tipo A) ou a ecologia à Bíblia (resistência de tipo B). Menos ainda se pode afirmar que a Bíblia é dispensável ao debate ecológico ou escolher arbitrariamente textos da Bíblia fora de seu contexto.

9. WATSON, Francis. Strategies of Recovery and Resistance: Hermeneutical Reflections on Genesis 1-3 and Its Pauline Reception. *JSNT*, n. 45, p. 79-103, 1992.

10. CONRADIE, Ernst M. Towards an Ecological Biblical Hermeneutics: A Review Essay on the Earth Bible Project. *Scriptura*, n. 84, p. 123-135, 2004.

11. McDONAGH, Sean. *The Greening of the Church*. Maryknoll: Orbis, 1990, p. 202-205.

12. Cf. HABEL, Norman. (Ed.). Readings from the Perspective of Earth. In *The Earth Bible*. Cleveland: Pilgrim, 2000. v. 1, p. 24.

O conceito de gerenciamento/administração (*kbš*) da Terra pelo ser humano em Gn 1,28 junto aos princípios do *Earth Bible Project* são chaves heurísticas que permitam estabelecer um *link* entre o texto e o contexto contemporâneo, como propõe Conradie¹³. Pode-se aproximar o significado dos contextos contemporâneos e dos textos bíblicos como um todo, construindo similaridades¹⁴. O conceito de uma “lente” pode ajudar-nos, enquanto *faz*, constrói, delinea e configura o que nós vemos, trazendo o objeto num foco particular, embora possa distorcer outros. Deve-se considerar: 1) o estudo histórico e a informação exegética; 2) a tradição teológica; 3) a ciência contemporânea. Lentes hermenêuticas são ao mesmo tempo produtos da tradição e meio para sua reconfiguração e releitura crítica. Assim acontece com a teologia da libertação e teologia feminista. Esta hermenêutica pode e deve ser uma hermenêutica de recuperação e restauração quanto de resistência e suspeita. No diálogo interdisciplinar com a ciência ela engaja-se em múltiplas perspectivas como, aliás, a tradição operou. Trata-se de um processo de elaborar construtos com prioridades e convicções.

No processo construtivo é importante observar três construtos dominantes largamente empregados, perante a rica pluralidade de textos bíblicos e as demandas contemporâneas de ecojustiça e sustentabilidade: 1) a responsabilidade humana diante da gravidade da crise ambiental e perante o chamado de Deus; 2) um senso do sagrado considerando a Terra como um dom de Deus, um tesouro a cuidar, numa experiência de comunhão; 3) uma apropriada visão do futuro correlacionada com motivos bíblicos realizados em eventos contemporâneos ou iminentes. Acrescente-se a necessidade de um grupo de construtos que nos permita relacionar cada um com os demais: a) as raízes bíblicas do cristianismo; b) a história subsequente da tradição cristã (com sua rica complexidade e distorções); c) o conteúdo e a significância da fé cristã; d) uma série de categorias éticas; e) os desafios crescentemente dramáticos da degradação ambiental¹⁵.

A abordagem narrativa pode ajudar-nos nesta proposta hermenêutica. Ela integra, a partir daqui, a hermenêutica centrada em Paulo e nos textos paulinos escolhidos.

13. CONRADIE, Ernst M. The Road towards an Ecological Biblical and Theological Biblical and Theological Hermeneutics. *Scriptura*, n. 93, p. 305-314, 2006. Ver especialmente p. 305-308. De acordo com RICOEUR, Paul. *The Rule of Metaphor*. London: Routledge; Kegan Paul, 1978. p. 148, a criação de significado metafórico não é somente identificar similaridades, mas tornar campos semânticos similares. Cf. RICOEUR, Paul. *The Rule of Metaphor*. London: Routledge; Kegan Paul, 1978.

14. CONRADIE, Ernst M. Interpret the Bible amidst Ecological Degradation. *Theology*, n. 112, p. 201, 2009.

15. CONRADIE, Ernst M. What on Earth is an Ecological Hermeneutics? Some Broad Parameters. In HORREL, David G. *Ecological Hermeneutics: Biblical, Historical and Theological Perspectives*. London; New York: T&T Clark, 2010. p. 305-306.311.

3. A construção de lentes hermenêuticas narrativas paulinas

A narrativa nos estudos paulinos veio a partir dos anos 80¹⁶, ao lado do desenvolvimento da narrativa dentro da teologia. Paulo, em textos-chave, desenha uma história do passado, presente e futuro da criação. O Apóstolo narra uma história “vívida”, recontada e incorporada na história. Diante de narrativas como a história crescentemente globalizada do capitalismo, a história paulina pode ser um meio para articular uma contra narrativa, uma leitura ecológica frutífera a ser desenvolvida¹⁷. Com esta motivação, desenvolve-se a leitura a partir de dois textos que se agigantaram no engajamento ecológico com Paulo: Rm 8,19-23 e Cl 1,15-20. Por questão de espaço, não se desenvolve a exegese, que foi largamente pesquisada, mas a análise temático-narrativa destes textos que pressupõe a exegese aqui levada em conta.

3.1 As narrativas e as razões para cautela

Rm 8,19-23 e Cl 1,15-20 têm um formato similar: uma história de criação, problema e solução. A história de Cristo e a história da criação podem informar uma à outra. Há, no entanto, diferenças significativas: com um foco maior no estado atual de gemido e sofrimento – um foco que relaciona as circunstâncias específicas dos cristãos em Roma – Rm 8 relata as consequências do estado problemático da criação e descreve uma *esperança de libertação e glória*. Com o foco na pacificação dos poderes e autoridades e no final da inimizade, Colossenses fala, ao invés, da *reconciliação e pacificação*.

Advertidos do foco teocêntrico (Rm 8) ou cristocêntrico (Cl 1), do antropocentrismo teleológico e da teologia ou ética antropomomista, constata-se que os seres humanos têm um poder único para afetar a maior parte do resto da criação neste planeta e é a seres humanos que nos dirigimos quando procuramos uma ação responsável em relação ao futuro da criação¹⁸.

Rm 8, num antropocentrismo positivo¹⁹, descreve a criação, a humanidade e o Espírito como conjugados num coro de esperançoso gemido e liga a esperança da criação com aquela da humanidade, e especificamente aquelas dos “filhos de

16. A publicação seminal foi HAYS, Richard. *The Faith of Jesus Christ: The Narrative Substructure of Galatians 3:1-4:11*. Rev. ed. Grand Rapids: Eerdmans, 1997, recentemente, além de muitos outros, tem-se a exposição de DUNN, James D.G. *The Theology of Paul the Apostle*. Edinburgh: T&T Clark, 1998.

17. HORREL; HUNT; SOUTHGATE, *Greening Paul*, 2006, p. 58-59.

18. HORREL; HUNT; SOUTHGATE, *Greening Paul*, 2010, p. 124.

19. BYRNE, Brendan. Creation Groaning: An Earth Bible Reading of Romans 8.18-22. In HABEL, Norman. *Readings from the Perspective of Earth. The Earth Bible*. Cleveland: Pilgrim, 2001, v. 1, p. 198-200, distingue entre antropocentrismo “positivo” e “negativo”.

Deus”. De forma semelhante, lê-se o foco de Colossenses na comunidade cristã representando o sinal e o selo da nova criação que toma forma na Terra.

Lamentavelmente, não se vê qualquer implicação ético-ecológica ou injunções explícitas a partir de suas descrições do gemido da criação por libertação ou recebendo a plena reconciliação em Cristo. Tudo somado são narrativas paulinas com pressuposições cosmológicas ou mitológicas antigas radicalmente diferentes daquelas da ciência contemporânea.

3.2 Lentes hermenêuticas narrativas paulinas

Não obstante as cauções acima, há boas razões pelas quais Rm 8,19-23 e Cl 1,15-20 têm sido textos favoritos para ecoteólogos, em particular justamente suas referências explícitas à criação não humana e sua redenção. Toda a criação (*pasa ktisis* cf. Rm 8,22; Cl 1,15), todas as coisas (*ta panta, pantōn*, cf. Cl 2,16.17.18.20.), vêm consideradas no escopo da ação salvífica de Deus em Cristo. Nenhum outro texto paulino é tão claro ou desenvolvido em incluir a igualdade da criação dentro do processo de redenção que olha para frente.

Estes textos-chave insistem que o escopo da obra salvífica de Deus é o todo da criação; em termos narrativos, eles relatam uma história não da degradação humana e redenção, mas o todo da criação aprisionado na futilidade e subsequentemente redimido.

Há também um forte sentido de propósito da criação e sua própria escatologia desde que seu destino é a sua glória e libertação dos filhos de Deus (Rm 8), a ser alcançada na reconciliação de todas as coisas em Cristo (Cl 1). As referências aos “filhos de Deus” (Rm 8,19) e “à Igreja” como o corpo de Cristo (Cl 1,18.22), porém, identifica fiéis como figuras-chave, num lugar central da narrativa, no drama dentro do qual a criação, todas as coisas, serão libertadas do cativeiro e reconciliadas.

As lentes hermenêuticas narrativas podem e devem ser construídas em diálogo com os interesses das disciplinas além daquelas teológicas e bíblicas. Nosso contexto e crise ecológicos são delineados pelas ciências naturais e da Terra. Há diversas razões a considerar neste confronto de diferenças: 1) não há evidência científica que um tempo de relações pacíficas entre as criaturas na Terra alguma vez existiu, como, p. ex., sem predação ou morte animal; 2) uma queda da criação coloca interrogações teológicas e científicas. Teologicamente, coloca-se outro poder de força comparável a Deus no processo da criação. Cientificamente, uma queda primordial é problemática porque não se sabe do ponto que envolve relações pacíficas, depois sofrimento e sofisticação criaturais, complicação e diversidade de função.

Pode-se, no entanto, notar com um bom número de autores em Rm 8,19-23, à luz da narrativa evolucionária, uma extraordinária consonância entre a lingua-

gem de Paulo da criação sujeita à futilidade (como passivo divino) e descrições evolucionárias da vida criatural²⁰. Rm 8,19-23, porém, não refere diretamente um “incidente-queda” como registrado em Gn 3. O que se verifica é que as criaturas vivas estão numa sorte de “cativeiro”. A *douleia tēs phoras* (a escravidão da corrupção) torna-se, então, parte do problema do comportamento criatural mais que o resultado de um específico e autocorruptor ato de rebelião. Há, pois, uma consonância, nos termos “sujeição à futilidade... em esperança” e “escravidão à corrupção”, entre uma leitura livre de Rm 8,19-23 e as compreensões contemporâneas da evolução.

Cl 1 pode não referir qual o problema que aflige a criação, mas traz algum sentido de restauração em vista, uma correção de relações distorcidas e quebradas. Olhando o futuro, há uma trajetória narrativa não dessemelhante daquele focada no futuro de Rm 8.

Ambos os textos forçam-nos a falar de uma transformação do presente, inaugurada pela ação redentora em Cristo e levantando um estado genuinamente novo, expresso em termos da reconciliação de todas as coisas e da liberdade que têm a ver com glória. Não se trata, certamente, do retorno romântico, a uma idade de ouro ou a alguma sabedoria ou estado primordial que nós supomos haver existido, nem alguma espécie de manutenção da ordem existente.

Conclui-se, com o acima exposto, que não se pode ingenuamente utilizar Rm 8,19-23 e Cl 1,15-20 como um endosso cristão dos imperativos do ambientalismo, mas estes textos têm uma importante contribuição, que vai além da elucidação da mensagem do texto em seu contexto original.

É o que se defende como lentes hermenêuticas para refocalizar uma leitura da tradição paulina que seja igualmente honesta. Neste foco, a criação no estágio central como um todo vem plenamente incorporada nos propósitos de libertação, reconciliação e redenção de Deus em Cristo. O foco vem a ser uma transformação futura antecipada da criação, mais do que a restauração de um paraíso passado. Implícito em ambos os textos vem um chamado ao envolvimento dos fiéis na narrativa em desenvolvimento da obra de Deus em curar, libertar e reconciliar o cosmos.

4. Uma leitura ecológica da teologia paulina

Reconciliação bem pode ser o centro do nosso construto ecológico da teologia paulina. Pode-se a ela conectar os motivos de liberdade e glória de Rm 8,19-23. Esta, por sua vez, abre tema com as maiores implicações para a ética, espe-

20. SOUTHGATE, Christopher. *The Groaning of Creation: God, Evolution, and the Problem of the Evil*. Louisville: Westminster John Knox, 2008; HAUGHT, John. *God after Darwin: a Theology of Evolution*. Boulder: Westview, 2000.

cialmente o “olhar-do-outro”. Isto vem conectado com o tema da glorificação de Rm 8 e da *kenosis* (despojamento) que pode tornar o processo possível.

A história tem presenciado o debate da chave ou centro da teologia paulina, que bem conhecemos²¹. Sem dúvida, os construtos da teologia paulina são formados por interesses teológicos que se levantam do contexto do intérprete. É, assim, possível e inevitável alguma priorização e arranjo do material com certos textos ou temas ao centro. Dado o foco da história da criação em nossa leitura de Rm 8 e Cl 1, propõe-se uma via determinada pela forma narrativa básica, começando com a criação e movendo-nos através da reconciliação e nova criação em direção ao *eschaton*.

4.1 Bondade da criação e reconciliação cósmica

O mais importante dos textos paulinos da criação é 1Cor 8,6, uma confissão de fé derivada do *Shema* Judaico (Dt 6,4). Temos a criação em outros textos paulinos, como Rm 4,17 e deuteropaulinos, com 1Tm 2,5. Paulo tem a convicção que Deus criou todas as coisas (cf. Rm 4,17), do que se deduz sua bondade intrínseca. Todas as coisas são limpas (Rm 14,14.20) e boas (1Cor 10,25-30; 1Tm 4,4). Vemos uma confirmação da parte de abertura da história da criação: todas as coisas foram criadas por Deus, através de Cristo e, como tais, têm uma bondade e um valor intrínsecos.

Em 1Cor 15,28 encontramos uma das afirmações salvíficas mais claramente participatórias (e universais) em Paulo. Tudo, sem exceção, vem incorporado na vida divina, numa visão panencristica ou panenteísta. O verbo *katalassō* (reconciliar) vem intensificado com o prefixo *kata* em Cl 1,15-20. O mais importante texto paulino sobre a reconciliação está em 2Cor 5,18-20. No v. 19 todo o cosmos vem reconciliado em Cristo e o termo é o *leitmotiv* em Efésios. Amplamente construída como o desenhar, juntar todas as coisas em Cristo (e/ou Deus), a reconciliação cósmica pode estar no centro focal de nossa leitura da teologia paulina e no centro de nossa leitura a história da criação.

4.2 Nova criação, participação em Cristo e kenosis

Em 2Cor 5,17 ocorre uma famosa frase elíptica: *eis tis en Xristō kainē ktisis*: “se alguém está em Cristo, é nova criação”. A única outra ocorrência em Paulo está em Gl 6,15. São as duas únicas ocorrências na inteira Bíblia, embora vistas

21. BEKER, J. Christian. *Paul the Apostle: The Triumph of God in Life and Thought*. Edinburgh: T&T Clark, 1980, p. 16, refere que o centro coerente é como uma estrutura simbólica, com uma série de símbolos, como justiça, justificação, reconciliação, liberdade, adoção, ser em Cristo, ser com Cristo, glória e assim por diante. A questão do centro é mais ampla que a justificação pela fé (Lutero) ou Jesus Cristo crucificado, poder e sabedoria de Deus (J. Fitzmyer).

na literatura intertestamentária. Trata de uma soteriologia não somente individual, mas que envolve o indivíduo, a comunidade e o cosmos, inaugurada pela morte e ressurreição de Cristo em contraste com a ideologia imperial romana de Augusto.

Evidente é a importância de categorias participatórias em Paulo em textos como 2Cor 5,14-21 e 12,2, linguagem que envolve não só o indivíduo, mas o cosmos como aparece em Cl 1 (foco em Cristo) e 1Cor 15,28 (foco em Deus). A mensagem de Paulo é de significância cósmica, envolve todas as coisas²² e tem ressonância ética, seja pela encarnação seja pela sujeição à crucificação por Cristo, na humildade e autorrebaixamento, colocando o bem de outros antes dos próprios direitos, interesses, posses ou conforto (cf. p. ex., Fl 2,4.21). Cristo escolhe a autonegação em benefício de outros (Rm 15,1-3; 1Cor 10,32-11,1; Fl 2,5-8), uma *kenosis*, como veremos, uma *kenosis* ética.

A escatologia em Paulo, que aqui é gritante, não é um motivo entre outros numerosos, mas ajuda a prover a perspectiva fundamental dentro da qual tudo é visto²³. Nesta perspectiva, o caráter do fim já aponta o caráter e a experiência da comunidade cristã agora – em que reconciliação, unidade, liberdade, paz e glória são por ser encontradas. No presente, liberdade e glória vêm capturadas num contexto de sofrimento e luta, em corpos que permanecem fracos e morrem (2Cor 4,7-11; 6,4-10).

4.3 Para uma apropriação ecoteológica criativa

Rm 8 e Cl 1 descrevem a visão escatológica com liberdade e glória, libertação da futilidade de um lado, reconciliação e paz do outro. O que o evento-Cristo torna possível é um estado escatológico, que é atual e continuado, de liberdade e reconciliação. A liberdade em Paulo vem estreitamente associada à obra do Espírito (2Cor 3,17; Gl 5,1-27). A manifestação do fruto do Espírito é um sinal de reconciliação com Deus, outros seres humanos e criação, profundidade de relação e comunhão.

A primeira via em que a reconciliação pode ser estendida e aprofundada é através da liberdade do fiel redimido, estendendo e enriquecendo seu amor às outras criaturas, o olhar ao outro. A outra via é o aprofundamento da participação da vida em Cristo, como uma liberdade em que os filhos de Deus estarão em casa em si mesmos e com Deus. Não há um ver sem ser envolvidos. O processo de progressiva glorificação dos fiéis (libertados e reconciliados) é parte da *kainē ktisis* (nova criação), e, à luz de Rm 8,21, a participação da criação na libertação depende do processo de progressiva glorificação dos fiéis na contemplação de Cristo.

22. SANDERS, *Paul and Palestinian*, p. 444.446.

23. FURNISCH, Victor Paul. *Theology and Ethics in Paul*. Nashville: Abingdon, 1968, p. 214.

O tema em vista é necessariamente a nossa *kenosis* na contemplação de Cristo (Fl 2,5.7), na transformação de nossa mente (Rm 12,2). *Kenosis* é o prelúdio comunitário e mesmo coletivo necessário à participação plena na glória de Cristo.

4.4 Narrativa paulina e outras possíveis narrativas ecoteológicas

Paulo dá pouca atenção aos eventos de início na história e ao próprio ato da criação. Hoje há concepções românticas das origens e do futuro, como uma idade de ouro desaparecida e a reconstruir.

Jó 38–41 ajuda-nos a superar o antropocentrismo ingênuo destas concepções; dá-se conta que a Sabedoria na criação não está no seu domínio. A propósito, o texto paulino em Rm 8,19-23 também é uma contranarrativa à Idade de Ouro Augustana e em Colossenses, também, a uma cosmologia estoica de harmonia. Não se estranha em Paulo que a natureza seja um jogo de paixão, uma *via dolorosa*, um massacre dos inocentes. Mas deve-se também lembrar que as vítimas da evolução são sustentadas num caminho contínuo no amor e na vida de Cristo.

Vê-se, em meio a esta disparidade extrema que os textos-chave paulinos apoiam uma ecoteologia cristã informada escrituristicamente. Com seu foco no evento-Cristo como o momento crucial na história da transformação e redenção do inteiro cosmos por Deus, sua visão para frente e cheia de esperança, seu sentido de responsabilidade pela humanidade, sua narrativa é apropriada, perfeitamente escatológica e relacionada profundamente à doutrina cristã. Assim, pode oferecer uma base para a ética ecológica.

5. Ética paulina através de uma lente ecoteológica

Teologia e ética paulinas são intrínseca e inextricavelmente interligadas. A ética paulina pode ser mais bem captada por um foco no olhar ao outro cristologicamente fundamentado e na solidariedade corporativa.

5.1 Começo da configuração de uma ética ecológica

Como vimos acima, os “filhos de Deus” têm uma “liberdade” que é “glória”, à qual a criação anseia (8,19) e na espera qual participar (8,21)²⁴. Os filhos de Deus são cruciais e centrais na história porque seu momento de gloriosa revelação é o precursor essencial a qualquer libertação da criação (8,19).

24. Como JEWETT, *Romans*, 2007, p. 510-511 aponta, *doxa* aqui necessita ser lida com a força do hebraico *ka-bôd*, palavra que conota peso/gravidade, e, por conseguinte, substância, importância, profundidade da realidade.

O estado escatológico dos fiéis envolverá novas responsabilidades dentro da nova criação²⁵. Somente quando os seres humanos forem libertados de sua pecaminosidade – com a profunda experiência da glória de Deus – o resto da criação será libertado em sua final incorporação na vida de Deus, que será “tudo em todos” (1Cor 15,28)²⁶.

Em Rm 8 a transformação é ainda incompleta. Na escatologia mais realizada do hino de Colossenses, o ciclo fútil da criação é quebrado para sempre pelo sacrifício de Cristo encarnado (Cl 1,20). Mas nem tudo está realizado, como mostra Cl 1,24: Paulo completa em sua carne o que falta aos sofrimentos de Cristo, por seu corpo que é a Igreja. Cl 1,24 deve ser lido ecoteologicamente com 1,20, como provendo uma pista da importância da luta humana a respeito da cura da biosfera. As lutas do fiel, como aquelas de Paulo e de Cristo, têm força libertadora para a criação como um todo.

Com Rm 8,19-23, com Jewett²⁷ e diversos outros, tem-se a salvação dos fiéis, “como ainda não plenamente-realizada”, em desenvolvimento, conduzida pelo Espírito, em relação com toda a criação. Não se trata de uma prescrição específica, mas de interesses ecológicos informados pela ciência contemporânea; um imperativo ético que pode ser visto na identificação dos filhos de Deus como cruciais ao processo de libertação da criação, filhos de alguma forma ligados com sua experiência atual de liberdade e glória²⁸.

5.2 Construindo a ética paulina: o olhar ao outro e a solidariedade corporativa

Não se encontram muitos estudos sobre ética paulina, ao contrário de outros temas, embora a relação entre teologia e ética em Paulo tem sido desafiada e reformulada recentemente. No entanto, nas obras introdutórias não se desenvolve uma ética especificamente ecológica²⁹.

O indicativo do ato reconciliador de Deus em Cristo, acentuado, por exemplo, em 2Cor 5,18-19 e Cl 1,2-22, também carrega um imperativo: anunciar e incorporar uma mensagem de paz, unidade e reconciliação (2Cor 5,20; Cl 1,23; 3,1-45). Ora, os imperativos morais em Paulo são expressões do caráter da nova

25. WRIGHT, N.T., *The Resurrection of the Son of God*. London: SPCK, 1992, p. 237; CRANFIELD, *Some Observations*, 1974, p. 227.

26. HORREL; HUNT; SOUTHGATE, *Greening Paul*, 2010, p. 140.

27. JEWETT, *Romans*, 2007; Idem, *Corruption and Redemption*.

28. HORREL; HUNT; SOUTHGATE, *Greening Paul*, 2010, p. 145.

29. Veja, por exemplo, SCHNELLE, Udo. *Apostle Paul: His Life and Theology*. Grand Rapids: Baker, 2005, p. 546-548. HAYS, Richard B. *La vision moral del Nuovo Testamento: Problematiche etiche contemporanee alla luce del messaggio evangelico*. Torino: San Paolo, 2000, p. 41-122.

criação, que é já e ainda não³⁰. Nesta, os cristãos vivem um período intermediário de lutas. Hays afirma que a norma fundamental da ética paulina é uma vida cristomórfica³¹. Nesta orientação, dar-se aos outros, como Cristo (Fl 2,5-11), pode ser ampliado não somente à comunidade eclesial, mas à humanidade.

5.3 Além da comunidade humana: olhar ao outro e *kenosis* ética

A abordagem de Paulo é relacional e levanta-se da identidade dos fiéis como irmãos na família de Deus (cf. Rm 8,12-17; Fl 2,14-15). Não é fácil encontrar a relação com não humanos em Paulo. Paulo também expressa o amor ao próximo como a si mesmo (Rm 13,9/Gl 5,14; cf. Lv 19,18) e aqui oferece o potencial para penetrarem algumas formas de reflexão ecológica, uma vez que amar a todos pode promover a ação para mitigar os efeitos da degradação ambiental ou mudanças como inundações ou aquecimento global.

Os textos de Rm 8,19-23 e Cl 1,15-20 fortemente sugerem por Paulo uma leitura da história da redenção que claramente abrange a totalidade da criação. Permanece um degrau imaginativo ampliar o escopo do olhar ao outro como para além da comunidade eclesial e também humana. A hermenêutica aqui proposta, com as suas lentes, leva a um construto vital. Se a morte de Cristo abrange todas as coisas em sua reconciliação, pacificação, então “viver para os outros”, como consequência ética deste ato, pode com certeza lógica, como também a própria expressão de Paulo, implicar na inclusão de “todas as coisas” (*ta panta*) neste escopo. Não podemos estender a linguagem de parentesco (“irmãos”, “irmãs”) à criação não humana, mas estender a comunidade de interesse moral a “todas as coisas”, especialmente a outras formas de vida, é um movimento crucial para qualquer engajamento de ética paulina com interesses ambientais contemporâneos.

Como se viu acima, *kenosis* é um tema fortemente paulino. Com nossas lentes hermenêuticas, o paradigma de *kenosis* ética, pois, pode ser situado no coração da ética ecológica que permanece em continuidade fiel à tradição paulina³². Numa *kenosis* de aspiração, deve-se “olhar o interesse dos outros” (Fl 2,4); numa *kenosis* de apetite, deve-se olhar a contenção na alimentação, no uso de bebida, drogas, da própria sexualidade de forma compulsiva, no uso das energias, em práticas sustentáveis, em suma a *kenosis* do consumo. Tais tipos de *kenosis* ética tornam possível um olhar ao outro mais aprofundado, especialmente dos fortes sobre os fracos.

30. SAMPLEY, Paul J. *Walking between the Times: Paul's Moral Reasoning*. Minneapolis: Fortress, 1991.

31. *Ibidem*, p. 41.

32. Cf. SOUTHGATE, *Groaning*, 2008, p. 101-113.

5.4 *Ética como escatologia*

A escatologia faz com que, olhando o futuro, resulte a conduta no presente (cf. 1Cor 7), numa tensão entre o antigo e o novo, mas numa nova identidade em Cristo, em vista de uma nova criação, à qual temos acesso apenas por metáforas e símbolos (cf. 1Cor 13,9-12). A visão escatológica delinea o desejo de trabalhar por paz, reconciliação e unidade com toda a criação. Nesta ética, a autoadoção de Cristo aos outros é paradigma para os fiéis (cf. 2Cor 8,1-15; Fl 2,4-11).

A ética escatológica não deve implicar comportamentos extremos, nem uma hostil negação do mundo, mas pode ser prudencial, mesmo pragmática, como a ética sexual de Paulo em 1Cor 7,2-6.12-16.27. Vive-se no mundo, mas nada do que determina a vida dos outros, como casamento, tristeza, alegria, compras/consumo, fazer uso de algo, domina quem vive na perspectiva escatológica³³.

Ted Peters defende uma “ética proléptica”, aquela que toma uma ação transformadora e criativa no presente, estimulada pela visão do futuro³⁴. Novas possibilidades de reconciliação e autotranscendência entre as espécies já existentes serão exploradas. O hino de Colossenses acentua que esta transformação é em primeiro lugar e acima de tudo a obra de Deus em Cristo. Nos termos delineados em Rm 8, a fase final, gloriosa das dores de parto espera-nos a viver em liberdade. Nossa sabedoria permite-nos alcançar a sustentação e sustentabilidade de todos os ecossistemas.

5.5 *Solidariedade corporativa*

A ética de Paulo é corporativa e vem expressa nos textos clássicos de 1Cor 12,12-26 e Rm 12,4-5. A comunidade cristã é vista como um corpo em Cristo (Rm 12,4-5), o corpo de Cristo (1Cor 12,27). Batismo e Eucaristia são ligados e revelam uma comunidade corporativa (Gl 3,26-29; 1Cor 10,16-17). 1Cor 12 mostra uma interdependência no Espírito e o cuidado aos mais fracos, numa retórica de reversão (vv. 22-24) e que visa os pobres (Gl 2,10; Rm 15,26; 2Cor 8-9). Hoje se fala em vulneráveis (cf. Mt 5,3-7; 11,4-5; Lc 14,13.21; Ap 3,17). Os frutos do Espírito estendem-se além dos seres humanos.

Há um inteiro complexo de medidas – econômicas, fiscais, tecnológicas, sociopolíticas – que se necessitam para mitigar o impacto da mudança climática, e a maioria destas medidas será mais fácil, econômica e confiável como meios de prevenir a extinção em massa do que grandes projetos de migração assistida. Mas, na ética ecológica paulina, criaturas não humanas estão incluídas como “outros”

33. FEE, Gordon. *The First Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids: Eerdmans, 1987, p. 340-341 (NICNT).

34. Tradução livre cf. PETERS, Ted. *Playing God: Genetic Determinism and human Freedom*. New York: Routledge, 1997, p. 174.

e estes outros são dignos precisamente de um respeito generoso por parte dos humanos, em particular daqueles humanos com altos níveis de conforto e consumo.

6. Conclusões

Em primeiro lugar, propõe-se uma leitura de Paulo explicitamente construtiva, criativa e hermenêuticamente informada, uma leitura desenvolvida pelo contexto particular da ciência contemporânea, crucial para os temas de ecologia. Esta é uma leitura entre as leituras de recuperação que implicam que a Bíblia apresenta uma mensagem “verde” e leituras críticas de resistência, tais como aquelas encontradas na série *Earth Bible* que preparam seu “cânon” na forma de princípios éticos independentes da Bíblia.

Não se pretende apresentar o que Paulo “realmente disse” ou pensou; nem se pretende que Paulo – ou qualquer outra tradição bíblica – possa sozinho fornecer e substanciar orientação ética em matérias relacionadas a nossos desafios ambientais contemporâneos complexos. Mover-se, no entanto, de princípios teológicos e éticos amplos para propósitos concretos e específicos é difícil e inevitavelmente aberto a muita incerteza e debate.

Este método tem no centro a noção de lente hermenêutica e uma tentativa de discernir a figura narrativa subjacente. O que é claro em Rm 8 e Cl 1 é que a história dos propósitos salvíficos de Deus abrange a inteira criação, não somente os humanos eleitos. O estado final de reconciliação e liberdade gloriosas é alcançado somente após luta e sofrimento. Há um papel crucial para os seres humanos, especificamente os membros das comunidades cristãs, cuja nova vida em Cristo exige responsabilidades e imperativos éticos: aqueles em Cristo são chamados a viver num caminho coerente com sua nova identidade, expressando sua liberdade, cumprindo paz e reconciliação, e imitando a autodoação de Cristo aos outros.

Rm 8 descreve a libertação e a glória após futilidade e escravidão, enquanto em Cl 1 a imagem dominante é de reconciliação. As imagens de Rm 8 combinam especialmente bem com uma apropriação informada pela ciência evolucionária. A paisagem da teologia paulina também oferece um material muito útil para engajamento ecológico na ampla narrativa de criação-problema-resolução.

Em meio às várias tentativas de descobrir o “coração” da teologia paulina, uma leitura escatológica e participativa de Paulo parece fazer bom sentido exegético e oferecer o potencial mais frutífero para o engajamento ecológico. Também o motivo da reconciliação cósmica pode levantar-se ao centro da teologia paulina, novamente com um sentido de integridade exegética e a fecundidade eco teológica. A dimensão escatológica é fundamental, na tensão entre o agora e o ainda não, que diferencia de outras narrativas da eco teologia contemporânea.

A ideia central da participação em Cristo tem uma dimensão ética na responsabilidade de viver em Cristo, na entrega de Cristo pelos outros. Especificamente

construída como *kenosis* ética, está ao centro da ética paulina. A comunidade, como corpo de Cristo aberta ao outro, abre-se a todas as espécies, formas de vida e ao todo da criação.

Estes argumentos-chave implicam certo antropocentrismo na ecologia e ética paulinas e dificilmente poderia ser diferente. As cartas paulinas colocam as comunidades de fiéis a Cristo no centro da história. Estes, porém, são vistos como uma antecipação e incorporação da renovação de todas as coisas em Deus no processo de levá-las à plenificação. Não é um senso de superioridade, mas uma responsabilidade daqueles que estão em Cristo numa autodoação e olhar aos outros, operando pela paz e reconciliação em toda a criação.

Por fim, derivar ações específicas da ampla concepção ética derivada de Paulo é algo complexo e incerto em que necessitamos todos os recursos da ciência e ética contemporâneas para guiar e informar nossas reflexões. Deve-se reconhecer que as decisões em medidas e compromissos específicos permanecem uma tentativa, na certeza que a contribuição de Paulo pode ajudar a informar e delinear a teologia e a ética nas quais os cristãos podem desenvolver suas contribuições a tais questões.

Pode-se concluir afirmando com White: “Mais ciência e mais tecnologia não irão nos tirar da crise ecológica atual até que encontremos uma nova religião, ou repensar a nossa antiga religião”³⁵. Completa-se, com o passo a seguir, nas propostas. Não somente religião, ciência e tecnologia, mas vias culturais, econômicas e políticas.

7. Propostas

Retomam-se aqui como premissas alguns dados que emergem dos textos, de certa forma retomados neste momento. Jewett argumentou que a narrativa paulina em Rm 8,19-23 pode representar um contraste contracultural da era de Augusto, na qual a crise do colapso da República Romana é substituída por uma (ilusória) harmoniosa união de Cidade e Terra (*urbs* e *orbis*) na pessoa do Imperador³⁶. Os personagens centrais na narrativa de Paulo são Deus (através dos passivos divinos) e “os filhos de Deus” como sofredores, mas próximos à sua glória, como opostos à idade de ouro de Augusto, ou à vitória pacificadora de Deus³⁷. Estes convertidos

35. WHITE, *The Historical Roots*, 1967, p. 1206.

36. Cf. JEWETT, Robert. The Corruption and Redemption of Creation: Reading Rom 8,18-23 within the Imperial Context. In HORSLEY, Richard A. (Ed.). *Paul and the Roman Imperial Order*. Harrisburg: Trinity Press Internacional, 2004. p. 25-46; Idem, *Romans*, 2007, 508-517. Ver ZETTERHOLM, Magnus. Breaking Boundaries. In _____. *Approaches to Paul: a Student's Guide to Recent Scholarship*. Minneapolis: Fortress Press, 2009, cap. 7, p. 195-224.

37. Virgílio, *Ecl.* 4.11-41 e Calpurnius Siculus. *Ecl.* 1.33-39, citados em JEWETT, *Corruption and Redemption*, 2004, 27.30-35 e Idem, *Romans*, 2007, 509.

tomam o lugar de César, mas não empregam as armas dos antagonistas vencidos. Como filhos de Deus, redimidos pelo Evangelho, começam a retomar o justo domínio sobre o mundo criado (Gn 1,28-30; Sl 8,5-8); em termos modernos, seu estilo de vida alterado e ética revista a restaurar o sistema ecológico que fora expulso pela injustiça (Rm 1,18-22) e pelo pecado (Rm 5-7)³⁸. Assim, Rm 8,19-23 é a antítese de Rm 1,18-22 e 5-7, que representam o sistema imperial, sua ideologia e religião. O sentido de busca e luta em Paulo (que coloca a história no gênero trágico) levanta-se em contraste com o otimismo cômico das narrativas imperiais. Por sua vez, o estilo de vida alterado e ética revisada dos filhos de Deus começa a restaurar o sistema ecológico.

Olhando Cl 1,15-20, observa-se que autores da época falavam do cosmos como o corpo de um ser vivo, como uma imagem (*eikōn*) da divindade (cf. 1,15), com a divindade manifestada através dele ou atuando como sua cabeça³⁹. Isto poderia ser evocado num paralelo com o Imperador, em contraste com a propaganda imperial, o que reforça a hipótese levantada em Rm 8,19-23. Mostrou-se que a linguagem de reconciliação, presente em Cl 1,15-20, é usada mais frequentemente em cenários políticos do que religiosos. Além disso, é plausível que o sistema cosmológico estoico proporcione em si mesmo um reflexo cristológico, mas o texto da Carta subverte o gênero narrativo estoico, ao mesmo tempo em que reage à versão imperial da narrativa⁴⁰. A paz foi feita na narrativa, porém, não a paz do Império, efetivada não usando a crucificação como arma de opressão, mas através do sofrimento como um meio de reparação. Tem-se, então, uma contranarrativa, não meramente à cosmologia estoica prevalente, mas também em rejeição à hegemonia imperial. Cristo está acima de todos os poderes (Cl 1,16b).

Estes dados levam a uma hermenêutica dos textos que permite a crítica ao sistema econômico, político e cultural, o qual leva à destruição da criação.

O mundo hoje pede a sustentabilidade que olhe a criação e a vida de forma holística⁴¹. Etimologicamente, sustentabilidade implica nutrir, velar pela manutenção no espaço físico e no tempo. A sustentabilidade pede uma mística com visão prospectiva e otimismo escatológico. O ponto de convergência é a comunhão com tudo o que foi criado e com o Deus Criador. Uma mística de sustentabilidade é uma mística da biodiversidade e da *koinonia*, da simplicidade e da austeridade, da alteridade, do serviço, em síntese uma mística pascal. Nesta mística a Terra é mãe, esposa e irmã⁴².

38. JEWETT, Idem, 35.

39. MARTIN, Dale B. *The Corinthians Body*. New Haven: Yale University Press, 1995, p. 15-21.

40. BALABANSKI, Vichy. Critiquing Anthropocentric Cosmology: Retrieving a Stoic 'Permeation Cosmology' in Colossians 1,15-20. In HABEL, Norman C.; TRUDINGER, Peter. (Eds.). *Exploring Ecological Hermeneutics*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2008, p. 158. (Symposium Series, 46).

41. BOFF, Leonardo. *Sustentabilidade: o que é – o que não é*. Petrópolis: Vozes, 2012.

42. AGUIRRE, Alirio Cáceres. *Entre ecologia e ecosofia*, 2001, p. 59-60.

A teologia da ecologia quer ser uma “omniecologia, um enfoque a partir do qual se lê a globalidade da mensagem revelada, dentro do movimento das teologias contextualizadas da libertação”⁴³. Neste âmbito, a teologia é “articular-se a partir da práxis à luz da fé”. A ecoteologia quer contribuir muito para restabelecer o elo que liga Deus-Ser Humano-Natureza, no horizonte do panenteísmo. Está-se nos passos de Paulo, segundo a hermenêutica aqui apresentada.

Num período de grave crise, “há sinais de esperança: um incontável número de indivíduos e organizações estão trabalhando criativa e corajosamente por mudanças [...] a oportunidade para se trocar sabedoria e discernimentos nunca foi tão grande”⁴⁴. Há esperança e em Paulo esta veio anunciada (Rm 8,20-21).

Em termos culturais, estamos acordando para a “Grande Reviravolta”, com outra sensibilidade ecológica e vital. O primeiro passo é desmascarar o sistema patológico em que vivemos na globalização capitalista de concentração de recursos em contraste com a gritante negação das necessidades básicas às regiões mais pobres. Paulo inspirou o desmascaramento do culto imperial (Rm 1,18-32; 5-7 diante de 8,19-23).

Na ecologia profunda, a humanidade é parte da natureza. O mundo que está ao nosso redor, também está dentro de nós. Em termos psicológicos, sociais e também culturais, é preciso superar a “ecopsicose”, a desconexão mental do ambiente, desenvolvida historicamente nas relações com a Terra. A reconexão passa pela sensibilidade em relação à beleza da natureza, enfrentar nossos medos que levam ao desespero, alimentar a compaixão, com o amor e o cuidado, estabelecer a solidariedade, cultivar a vontade e recuperar expectativas e propósitos⁴⁵. Precisamente aqui Paulo é de extrema ajuda com a reconciliação, a *kenosis*, a participação.

Pode-se evocar a esperança em meio às dores de parto (Rm 8,22) na nova cosmologia, à luz da física quântica, da relatividade e do princípio da incerteza. A criação não para quando também olhada à luz da ciência, como em Rm 8,19-23. O átomo suga constantemente energia do vácuo inerente para compensar a perda de energia irradiada pelo elétron. A estabilidade dinâmica da matéria é a prova da presença de um oceano de energia imenso que está presente em todo o universo. Por causa disso, alguns físicos sugerem uma nova cosmologia de contínua criação. A natureza inteira está viva. Além disso, o universo é profundamente relacional em termos físicos e biológicos e, por isso, ecológicos⁴⁶.

43. BRIGHENTI, Agenor. Gritos da Amazônia: ecos do III Fórum Mundial de Teologia e Libertação em Belém, PA. In SUSIN, Luiz Carlos; DOS SANTOS, Joe Marçal G. *Nosso planeta nossa vida: ecologia e teologia*. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 292.

44. HATHAWAY, Mark; BOFF, Leonardo. *O tao de libertação: explorando a ecologia da transformação*. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 32.

45. HATHAWAY, Mark; BOFF, Leonardo. *O tao de libertação*, 2012, p. 141-194.

46. *Ibidem*, 263-275.

A ciência também deve ouvir o princípio da falseabilidade de Karl Popper, p. ex., em fatos como a presença de saltos criativos na evolução que a teoria de Darwin não explica⁴⁷. Também a Terra é viva. Margulis afirma que a Terra é um sistema extremamente complexo, uma “série de ecossistemas interativos que compõe um único e enorme ecossistema na superfície da Terra”⁴⁸. Paul Davies, um grande físico, afirma que “um princípio oculto parece estar em funcionamento organizando o cosmo de maneira coerente”⁴⁹. Há um propósito coletivo no sentido de um movimento na direção de mais complexidade, diversidades, cooperação e consciência. A ecologia tem que ser teleológica porque o propósito é possivelmente uma das coisas mais essenciais aos seres vivos. Isto não significa a teoria de um “desígnio” (*design*) inteligente. O cosmo não é forçado, mas convidado, a permitir continuamente e cada vez mais diversas formas e novas tendências⁵⁰. A evolução alcança cada vez mais complexidade e consciência, com três características-chave: diferenciação, *autopoiesis* e comunhão. A escatologia paulina vem ao encontro destas orientações.

É urgente reinventar o humano, procurar relações cada vez mais mútuas, não apenas entre seres humanos, mas com a Terra. Em termos éticos, é preciso renunciar à “ética do máximo” com a “ética do ótimo”, uma nova ética da beleza baseada no respeito e na relevância da vida, no relacionamento amoroso e não agressivo com a realidade⁵¹. Propõe-se uma espiritualidade que evite a lógica do egoísmo, onde a vida é central. O Espírito é vida e relacionamento, é criador (Gn 1,2). O ser humano é constituído da terra (Gn 2: *adamah*). Deus é a esperança, o futuro, Deus-em-comunhão, Deus-em-relação, o Espírito (Rm 8,16.23-27). Nem tudo é Deus, mas Deus está em tudo e tudo está em Deus (panenteísmo). O Cristo cósmico surge como uma força impulsionadora da evolução que liberta e traz realização. “Cristo é tudo em todos” (Cl 3,11), “em Cristo foram criadas todas as coisas” (Cl 1,16), agora a serem reconciliadas (Cl 1,20).

Voltando às primeiras linhas desta proposta, não há poder inquestionável e indestrutível, é o que se depreende de Cl 1,16. É preciso pensar a ecologia também em termos econômicos e políticos. Tem-se aqui a proposta do ecossocialismo que implica numa radicalização da ruptura com a civilização material capitalista. O objetivo de um socialismo ecológico seria uma sociedade ecologicamente racional fundada no controle democrático, na igualdade social e na pre-

47. Ibidem, 302.

48. MARGULIS, L. *Symbolic Planet: A New Look at Evolution*. Nova York: Basic, 1998, p. 120.

49. DAVIES, Paul. *The Cosmic Blueprint: New Discoveries in Nature's Creative Ability to Order the Universe*. New York: Simon&Schuster, 1988 Apud ROSZAK, T. *The General Atom: Reflections on the Sexual Psychology of Science*. Berkeley: Conari, 1999, p. 126.

50. HAUGHT, John. *The Promise of Nature: Ecology and Cosmic Purpose*. New York: Harper Collins, 1993, p. 34.

51. HATHAWAY, Mark; BOFF, Leonardo. *O tao de libertação*, 2012, p. 439.

dominância do valor de uso⁵². Segundo Max Weber, o capitalismo é incompatível com a ética, não antiético, mas não ético⁵³.

Considerado ainda insuficiente o ecossocialismo, tem-se a proposta do eco-desenvolvimento ou da bioeconomia: a sustentabilidade possível, combinando economia, ecologia, democracia, justiça social, com um crescimento sustentável (o que o planeta pode aguentar em longo prazo), suficiente (atender as necessidades sem destruir as bases da reprodução da vida), eficiente (usar os recursos minimizando os impactos e os desperdícios), equânime (que distribua entre todos os ganhos e os benefícios). Propõe-se ainda a economia solidária como micro-sustentabilidade viável do futuro, mas se diz que pouco importa a concepção que tivermos de sustentabilidade. Importa não dilapidar a natureza, não destruir biomas, não envenenar os solos, não contaminar as águas, não poluir os ares, enfim não destruir o sutil equilíbrio do Sistema Terra⁵⁴. Ora, isto não é possível no sistema capitalista.

Seja qual for a opção política, mesmo que apenas paliativa, o que não resolve, deve-se, no mínimo, *cuidar* com ternura e bondade uns dos outros, da criação, do ambiente, verbo chave nos dias de hoje, dirigido a todos os cidadãos, em especial àqueles “que ocupam cargos de responsabilidade em âmbito político, econômico e social”, em tantas obras, e incluído na homilia de missa de início do Pontificado do Papa Francisco (*custodire* = cuidar, custodiar)⁵⁵. Sem dúvida, nestes processos, Paulo, Romanos e Colossenses têm muito a dizer, ou tudo a dizer, se traçarmos as consequências da hermenêutica acima propostas.

Bibliografia

AGUIRRE, Alirio Cáceres. Entre ecologia e ecosofia: passos para uma hermenêutica eco-teológica. In SUSIN, Luiz Carlos; DOS SANTOS, Joe Marçal G. *Nosso plano planeta nossa vida: ecologia e teologia*. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 44-46.

BALABANSKI, Vichy. Critiquing Anthropocentric Cosmology: Retrieving a Stoic ‘Permeation Cosmology’ in Colossians 1,15-20. In HABEL, Norman C.; TRUDINGER, Peter (Eds.). *Exploring Ecological Hermeneutics*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2008, p. 158 (Symposium Series, 46). BARCLAY, J.M.G. *Colossians and Philemon*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997 (New Testament Guides).

52. LÖWY, Michael. *Ecologia e socialismo*, 2005, p. 40-46.

53. WEBER, Max. *Wirtschaft und Gesellschaft*. Tübingen: JBC Mohr, 1923, p. 305; 709-709 Apud LÖWY, Michael. *Ecologia e socialismo*. São Paulo: Cortez, 2005, p. 68 (Questões de nossa época, 125).

54. BOFF, Leonardo. *Economia sustentável: o que é – o que não é*. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 52-65.

55. Disponível em <http://www.vatican.va/holy_father/francesco/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130319_omelia-inizio-pontificato_po.html>, acessado em 19 de março de 2013; cf. BOFF, Leonardo. *O cuidado necessário*. Petrópolis: Vozes, 2012.

BEKER, J. Christian. *Paul the Apostle: The Triumph of God in Life and Thought*. Edinburgh: T&T Clark, 1980.

BOFF, Leonardo. *O cuidado necessário*. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. *Sustentabilidade: o que é – o que não é*. Petrópolis: Vozes, 2012.

BRIGHENTI, Agenor. Gritos da Amazônia: ecos do III Fórum Mundial de Teologia e Libertação em Belém, PA. In SUSIN, Luiz Carlos; DOS SANTOS, Joe Marçal G. *Nosso planeta nossa vida: ecologia e teologia*. São Paulo: Paulinas, 2011.

BYRNE, Brendan. Creation Groaning: An Earth Bible Reading of Romans 8.18-22. In HABEL, Norman. (Ed.). Readings from the Perspective of Earth. *The Earth Bible*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2000, p. 193-203 (EB, 1).

_____. An Ecological Reading of Rm 8.19-22: Possibilities and Hesitations. In HORREL et al. *Ecological Hermeneutics: Biblical, Historical and Theological Perspectives*. New York: T&T Clark, 2010, p. 83-93.

CONRADIE, Ernst M. Interpret the Bible amidst Ecological Degradation. *Theology*, n. 112, p. 201, 2009.

_____. *Reckoning with Romans: A Contemporary Reading of Paul's Gospel*. Wilmington: Michel Glazier, 1986 (GNS, 18).

_____. The Road towards an Ecological Biblical and Theological Biblical and Theological Hermeneutics. *Scriptura*, n. 93, p. 305-314, 2006.

_____. Towards an Ecological Biblical Hermeneutics: A Review Essay on the Earth Bible Project. *Scriptura*, n. 84, p. 123-135, 2004.

CONRADIE, Ernst M. What on Earth is an Ecological Hermeneutics? Some Broad Parameters. In HORREL, David G. et al. *Ecological Hermeneutics: Biblical, Historical and Theological Perspectives*. London; New York: T&T Clark, 2010, p. 395-413.

CRANFIELD, C.E.B. *The Epistle to the Romans*. Edinburgh: T&T Clark, 1998, v. 1.

DAVIES, Paul. *The Cosmic Blueprint: New Discoveries in Nature's Creative Ability to Order the Universe*. New York: Simon&Schuster, 1988.

DUNN, James D.G. *The Epistles to the Colossians and to Philemon*. Grand Rapids: Eerdmans, 1996 (NIGTC).

DUNN, James D.G. *The Theology of Paul the Apostle*. Edinburgh: TT Clark, 1998.

FEE, Gordon. *The First Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids: Eerdmans, 1987, p. 340-341 (NICNT).

FURNISCH, Victor Paul. *Theology and Ethics in Paul*. Nashville: Abingdon, 1968.

HABEL, Norman (Ed.). Readings from the Perspective of Earth. *The Earth Bible*. Cleveland: Pilgrim, 2001, v. 1.

_____. (Ed.). Readings from the Perspective of Earth. *The Earth Bible*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2000 (EB, 1).

_____. (Ed.). *The Earth Bible*. Cleveland: Pilgrim, 2000.

HABEL, Norman C.; TRUDINGER, Peter (Eds.). *Exploring Ecological Hermeneutics*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2008 (Symposium Series, 46).

HATHAWAY, Mark; BOFF, Leonardo. *O tao de libertação: explorando a ecologia da transformação*. Petrópolis: Vozes, 2012.

HAUGHT, John. *God after Darwin: a Theology of Evolution*. Boulder: Westview, 2000.

_____. *The Promise of Nature: Ecology and Cosmic Purpose*. New York: Harper Collins, 1993.

HAYS, Richard B. *La visione morale del Nuovo Testamento: Problematiche etiche contemporanee alla luce del messaggio evangelico*. Torino: San Paulo, 1996. Orig. *The Moral Vision of the New Testament: Community, Cross, New Creation; A Contemporary Introduction to New Testament*. New York: Harper Collins 1996. Torino: San Paulo, 2000.

HORSLEY, Richard A. (Ed.). *Paul and the Roman Imperial Order*. Harrisburg: Trinity Press International, 2004.

HORREL et al. *Ecological Hermeneutics: Biblical, Historical and Theological Perspectives*. New York: T&T Clark, 2010.

HORREL, David; HUNT, Cherry; SOUTHGATE, Christopher (Eds.). *Greening Paul: rereading the Apostle in a Time of Ecological Crisis*. Waco: Baylor University Press, 2010.

JEWETT, Robert. The Corruption and Redemption of Creation: Reading Rom 8,18-23 within the Imperial Context. In HORSLEY, Richard A. (Ed.). *Paul and the Roman Imperial Order*. Harrisburg: Trinity Press Internacional, 2004, p. 25-46.

_____. *Romans*. Hermeneia. Minneapolis: Fortress, 2007.

LÖWY, Michael. *Ecologia e socialismo*. São Paulo: Cortez, 2005, p. 68 (Questões de nossa época, 125).

MARGULIS, L. *Symbolic Planet: A New Look at Evolution*. Nova York: Basic, 1998.

MARTIN, Dale B. *The Corinthians Body*. New Haven: Yale University Press, 1995.

McDONAG, Sean. *The Greening of the Church*. Maryknoll: Orbis, 1990.

ROSZAK, T. *The General Atom: Reflections on the Sexual Psychology of Science*. Berkeley: Conari, 1999, p. 126-127.

SAMPLEY, Paul J. *Walking Between the Times: Paul's Moral Reasoning*. Minneapolis: Fortress, 1991.

SANDERS, E.P. *Paul and Palestinian Judaism: A Comparison of Patterns of Religion*. London: SCM, 1977.

SCHNELLE, Udo. *Apostle Paulo: His Life and Theology*. Grand Rapids: Baker, 2005, p. 546-548.

SITTLER, Joseph. Called to Unity. In BOUMA-PREDIGER; BAKKEN. *Evocations of Grace: The Writings of Joseph Sittler on Ecology, Theology, and Ethics*. Grand Rapids: Eerdmans, 2000.

SOUTHGATE, Christopher. *The Groaning of Creation: God, Evolution, and the Problem of the Evil*. Louisville: Westminster John Knox, 2008.

SUSIN, Luiz Carlos; DOS SANTOS, Joe Marçal G. *Nosso plano planeta nossa vida: ecologia e teologia*. São Paulo: Paulinas, 2011.

WATSON, Francis. Strategies of Recovery and Resistance: Hermeneutical Reflections on Genesis 1-3 and Its Pauline Reception. *JSNT*, n. 45, p. 79-103, 1992.

WEBER, Max. *Wirtschaft und Gesellschaft*. Tübingen: JBC Mohr, 1923.

WHITE Jr., Lynn. The Historical Roots of our Ecological Crisis. *Science*, v. 155, p. 1203-1207, 1967.

WRIGHT, N.T. *The Epistles of Paul to the Colossians and Philemon*. Leicester: InterVarsity, 1986 (Tyndale New Testament Commentaries).

ZETTERHOLM, Magnus. Breaking Boundaries. In _____. *Approaches to Paul: a Student's Guide to Recent Scholarship*. Minneapolis: Fortress Press, 2009, cap. 7, p. 195-224.

Flávio Martinez de Oliveira
Rua Arthur Hameister, 85
96020-330 Pelotas, RS
peflaviomo@gmail.com